

www.historiaemperspectiva.com



HISTÓRIA EM PERSPECTIVA

O blog agora é livro!

André Wagner Rodrigues

Dedico este livro a todos os estudantes, ex-estudantes e meus amigos professores do curso de História da UNIBAN/ANHANGUERA de Campo Limpo. Aos meus alunos do Ensino Fundamental da EMEF CAROLINA RENNÓ RIBEIRO DE OLIVEIRA e toda equipe de excelentes professores e gestores. Dedico também a todos os estudantes das Escolas Públicas e particulares por onde já lecionei. Aos leitores e seguidores do site HISTÓRIA EM PERSPECTIVA. Aos meus familiares e amigos. E, em especial à minha companheira Luciana.

SUMÁRIO

| | |
|---|--------------|
| PREFÁCIO..... | p. 4 |
| Qual é a importância da História em tempos de esquecimento e descrédito?..... | p. 5 |
| Quer elaborar uma aula de História de sucesso? Aprenda com algumas dicas..... | p. 7 |
| Procusto e as cegueiras do Conhecimento: Considerações sobre formação de professores..... | p. 11 |
| A Construção do regime democrático e a contribuição intelectual de SÓCRATES - “o pai da filosofia”..... | p. 15 |
| A origem da Democracia grega e sua relação com a Filosofia: Sócrates, Platão e Aristóteles..... | p. 17 |
| Pensar bem por intermédio da contextualização de conceitos: considerações pertinentes para o ensino de história atual..... | p. 25 |
| Cavaleiros Templários: Origem Histórica..... | p. 38 |
| O ENSINO DE HISTÓRIA EM BUSCA DE NOVAS REFERÊNCIAS: A contribuição da proposta Neo-Humanista de Edgar Morin..... | p. 40 |
| Positivismo, Marxismo e Escola dos Annales: Qual a diferença?..... | p. 50 |
| O CONHECIMENTO HISTÓRICO EM BUSCA DE NOVOS MÉTODOS: Contribuições da Teoria da Complexidade de Edgar Morin..... | p. 74 |
| RELATOS DA JUVENTUDE: Uma experiência de valorização do protagonismo infanto-juvenil..... | p. 84 |
| Atuação em Grêmios Estudantis e participação do Jovem na Política | p. 92 |
| Dicas uteis para alunos que participarão do próximo ENEM..... | p. 95 |
| Sugestão de livro para se trabalhar com o conhecimento histórico em sala de aula..... | p. 97 |

PREFÁCIO

No dia 16 de novembro de 2013 o site HISTÓRIA EM PERSPECTIVA ultrapassou a expressiva marca de 1.000.000 visitas. O blog entrou na grande rede em agosto de 2009. Sem muita expressão, a finalidade era oferecer um canal de comunicação mas eficaz com os meus alunos. Os textos postados na época eram de resenhas e trabalhos acadêmicos que já tinha realizado na graduação e pós-graduação. Recebia em média 100 visitas ao mês.

Em 2010 comecei a pensar como poderia alcançar um público maior, então publicava textos de ajuda para alunos pré-vestibulandos que desejavam ingressar na Universidade. Com essa ideia começamos a ter um maior número de inscritos, mas mesmo assim nosso alcance era pequeno, aproximadamente 500 visitas ao mês. Em 2011 o blog ganhou um domínio próprio (www.historiaemperspectiva.com) e se tornou um site. Abrimos as publicações para amigos professores e alguns alunos do curso de História da UNIBAN/ANHANGUERA de Campo Limpo - SP. Dessa forma, o site alcançou maior popularidade. Além de conteúdos relacionados à História, começamos a postar textos de SOCIOLOGIA, FILOSOFIA, GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO. Assim conseguimos mais seguidores. Com as redes sociais tivemos uma ampliação do número de visitas. Os compartilhamentos de nossas postagens no facebook e twitter ampliou a captação de novos leitores. Com isso, a margem de visualizações chegava a 300 por dia.

Em 2012 continuamos apostando na força das redes sociais, por isso, ampliamos o número de postagens e seguidores. Novos professores-parceiros nos ajudaram muito com seus textos, principalmente meu amigo VICTOR DE SOUZA MARTINS. Sua ajuda foi fundamental para o crescimento e sucesso. Em 2012 já tínhamos 700 visitas diárias. Em 2013 o site passou por algumas mudanças em seu layout. A navegação ficou mais fácil. Foi o ano que publicamos em maior quantidade (por conta dos parceiros) e também por causa da divulgação de nosso site em revistas de Educação e sites de outros Estados. Tudo isso fez o site HISTÓRIA EM PERSPECTIVA se tornar uma referência para alunos, professores, pesquisadores e/ou curiosos pelo conhecimento da História. A nossa média atual é de 4000 visitas por dia. E os números não param de crescer, nos mostrando que podemos muito mais! Muito obrigado a todos e todas que fazem do site HISTÓRIA EM PERSPECTIVA uma ferramenta valiosa de pesquisa e estudo. Este livro foi projetado à partir dos textos mais lidos e refletem o que penso sobre a revolução qualitativa da Educação e do Ensino de História. Espero que gostem!

André Wagner Rodrigues, criador do site www.historiaemperspectiva.com

Qual é a importância da História em tempos de esquecimento e descrédito?

A decisão de me tornar professor de História num país que não valoriza a Educação, ou melhor, que não a reconhece como prioridade torna-se um desafio, uma missão, um sacerdócio. Optei por enfrentar empecilhos e obstáculos familiares, sociais, políticos, etc., com a certeza que não poderia me arrepende e, se assim acontecesse, deveria ser forte para não ouvir aqueles comentários: “Eu não disse para não ser professor”; “Sabia que você iria se frustrar”; “Não adianta, em nosso país nunca a Educação será prioridade”... Por isso, tomei minha decisão na perspectiva de lutar por ocupar meu espaço. Queria ser reconhecido por meus pares, ser um exemplo aos meus alunos, lutar pela transformação social no espaço de sala de aula, e foi assim que trilhei e continuo o meu caminho.

Esse texto logicamente, não tem a proposta de ser mais um texto de lamúrias e lamentações sobre o ofício do professor de História e sim de entender um pouco mais sobre essa disciplina e esse campo de conhecimento. Mas antes de responder o significado de História devemos entender a relação entre Memória e o passado...

Nós vivemos os acontecimentos do tempo presente, a nossa memória tem a função de guardar esses dados que nos são produzidos pelos nossos sentidos. Dessa forma, a nossa interpretação dos acontecimentos fazem parte daquilo que guardamos do momento histórico em que vivemos. Existem também acontecimentos que não vivemos, mas que ouvimos nossos antepassados contarem, assim como, aprendemos através de nossas leituras, dos filmes que assistimos, etc. e isso depende da nossa particular formação e vivência cultural.

A nossa memória, ou melhor, o conhecimento que temos do passado, orienta as nossas opções futuras. Mas isso não significa que o historiador será o profissional que melhor sabe projetar seu futuro, mas terá condições de fazer análises mais fieis sobre o desenrolar social, político, econômico, cultural, etc.

Dessa forma podemos pensar a importância do resgate da memória do passado. Sem o passado perderíamos muito do que somos e do que poderíamos vir a ser. Ficaríamos sem direcionamento preciso para encarar nossos principais dilemas. Não conheceríamos o que há a nossa volta, os monumentos, as pessoas, os lugares, e nem seríamos capazes de saber decidir o que fazer do nosso tempo e das nossas vontades. Portanto, saber e conhecer profundamente o passado ajuda-nos a apreciar, aproveitar e lutar no tempo presente.

Há muitas gerações que os homens e mulheres se dedicam a resgatar e interpretar a memória dos nossos antepassados, das Nações e das sociedades que viveram anteriormente nesse planeta. Aprenderam pouco a pouco a descobrir e a interrogar objetos, paisagens, construções, monumentos, assim como os escritos e outros vestígios do passado. E, dessa forma, temos sempre uma renovação de nosso olhar sobre a vivência, o pensamento e os dilemas desses homens e mulheres que viveram em tempos longínquos.

Durante muito tempo uma geração de historiadores ocupava-se apenas em resgatar a memória dos chamados “grandes protagonistas” do passado: Reis, Príncipes, Governantes, Estadistas e, dessa forma, se preocupavam em anunciar os grandes feitos, batalhas, leis promulgadas, terras descobertas... Atualmente a produção de conhecimento histórico também está voltada e aberta ao diálogo com outras áreas do conhecimento: a economia, a geografia, o estudo da sociedade, as mentalidades, a arte e a vida cotidiana, as paisagens, a arquitetura, etc. Pelas novidades no campo do conhecimento científico, hoje o historiador deve ter maior criticidade e criatividade para estudar qualquer atividade humana. Os métodos e as fontes de trabalho do historiador tiveram gradativamente um salto qualitativo que ampliaram o olhar dos historiadores.

O tempo presente também é objeto de estudo da História, isto porque o passado continua participando de nossa vivência. Se os homens não podem ser imortais, as suas obras o são: as vias férreas, as obras artísticas, livros, etc., são evidências de suas criações, crenças e tradições.

Estudar a História nos permite manter e desenvolver a memória dos povos que viveram no passado, que nos ajuda, por sua vez, a melhorar e aperfeiçoar a nossa própria existência. Não vivemos o melhor tempo de nossa existência, mas imagine o tanto que podemos desfrutar de algumas conquistas dos homens e mulheres que viveram no passado, sejam em relação à comunicação, entretenimento, meios de transporte, da própria evolução científica e tecnológica, na saúde, para termos acesso à cultura e participação na vida política, etc., muitos outros seres humanos antes de nós batalharam, sofreram, inventaram e, assim progrediram. A História é conhecimento, mas também é vida!

QUER ELABORAR UMA AULA DE HISTÓRIA DE SUCESSO? APRENDA COM ALGUMAS DICAS...

Trabalho há seis anos com formação de professores de História. Em muitos momentos de minha curta carreira como docente do Ensino Superior, proponho a cada aula, refletir com os meus alunos (futuros professores) um pouco daquilo que acredito ser importante para a elaboração de uma boa aula.

Uma questão introdutória a ser feita nessa direção é: “Que tipo de formação pretende-se oferecer?” Esse questionamento inicial é o ponto de partida para se pensar sobre a concepção de sujeito que almejamos quando vamos lecionar. Se você acredita que o seu aluno deve aprender História da mesma maneira que você aprendeu no curso de graduação, você pensa seu aluno como um “mini-historiador”: um sujeito que tem o hábito de questionar a realidade, que se preocupa em avaliar a fidedignidade das fontes existentes para o entendimento do passado, um ser que se interessa por leituras específicas e de difícil compreensão, etc. Se sua compreensão busca esse “sujeito ideal”, saiba que terá problemas com o ensino que pretende oferecer. É bem provável que não terá sucesso nas relações de ensino e aprendizagem no cotidiano escolar, pois seu aluno não será assim, salvo raríssimas exceções.

O aluno que costumamos encontrar nas salas de aula das Escolas Municipais, Estaduais e também Colégios Particulares, são sujeitos que fazem parte de um tempo específico, são alunos acostumados com o aprendizado fora do espaço de sala de aula, pessoas que nasceram e conviveram com as transformações tecnológicas e da informação (chamados por educadores de NATIVOS DIGITAIS). São sujeitos preocupados com os dilemas do próprio contexto Contemporâneo. Esta constatação, por mais óbvia que seja, precisa se tornar clara para muitos professores.

Outro questionamento importante antes da elaboração de sua aula é: “Até que ponto esse assunto que preciso levar aos meus alunos é importante para as suas vidas?”. Se a resposta for clara e você notar que faz sentido, a segurança para lecionar esse tema se torna maior. Vivemos infelizmente, um tempo dinâmico, onde as informações são rápidas e identificam as mudanças do tempo presente. Dessa forma, o passado é visto como algo inútil para as gerações mais novas. O presente é explicado por si só e o futuro visto como um tempo incerto, por isso, em muitas ocasiões ensinar História torna-se uma tarefa extremamente difícil, desgastante e incoerente para a juventude. Para lecionarmos História evitando esse conflito com as gerações mais novas, devemos entender primeiramente que a ciência histórica revela também a possibilidade de uma interpretação mais rigorosa do próprio tempo presente. Dessa forma, precisamos preparar nossas aulas pensando sempre na possibilidade de articulação com os problemas escolares cotidianos. Evitar uma

briga em sala de aula a partir do diálogo pode ser elemento para uma aula sobre Relações Políticas por exemplo. Um caso de disseminação de preconceito pode se tornar uma ótima aula para discussões sobre Pluralidade Cultural e respeito às diversidades. Os casos são múltiplos e as oportunidades de criação no contexto escolar são enormes, precisamos para isso de criatividade.

Para lecionar História também é necessário planejamento. Uma aula deve ser construída didaticamente para organizarmos o nosso próprio pensamento. A qualidade de sua aula está, além de sua proposta teórica (que vem de sua formação acadêmica), na maneira que você irá transmitir suas idéias e concepções. Por isso, temos que saber transpor nosso conhecimento de uma maneira que seja inteligível para nossos alunos. O sucesso dessa aula está na adaptação da linguagem, no cuidado com expressões técnicas de difícil compreensão. A idéia não é transformar sua aula em algo superficial, mas de fácil entendimento.

Nossos jovens gostam de aprender e respeitam o docente que pode lhes oferecer algo “fora do comum”, isto é, se você propor um método de ensino de História baseado em cópias frenéticas de livros, cobranças de trabalhos escolares e provas punitivas, você estará declarando guerra com a sua sala de aula. Pense em levar assuntos que sejam mais interessantes e próximos. A intenção não é acreditar que com essa proposta, você terá uma aula perfeita. Entretanto, devemos pensar em medidas práticas para minimizar os conflitos escolares.

Enfim, devemos entender que a Escola não oferece alternativas possíveis que sejam mais agradáveis do que o Mundo fora dos seus muros. E não podemos ficar esperando que o Governo e as políticas públicas resolvam o problema. Já que não temos recursos para propor uma mudança da Escola e do currículo escolar, para acompanhar as transformações na maneira de aprender que as novas tecnologias inauguram com rapidez, creio que a transformação deve partir inicialmente do docente. Por receber muitos pedidos de amigos professores e alguns alunos, vamos apresentar um modelo de plano de aula de História...

DISCIPLINA: HISTÓRIA ANTIGA

PUBLICO ALVO: ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DO CURSO DE HISTÓRIA

TEMA DE AULA: GUERRA DE TRÓIA – FICÇÃO OU REALIDADE?

OBJETIVOS GERAIS: I. Introduzir os alunos nos conhecimentos básicos do ofício de historiador: as fontes, métodos e conceitos da História Antiga. II. Fornecer aos alunos instrumentos adequados à análise e compreensão do estudo da História da antiguidade Ocidental (Grécia e Roma), que lhes possibilitem o exercício da pesquisa e magistério. III. Estimular a reflexão

histórica através do estudo dos processos de formação dessas Civilizações. IV. Possibilitar a compreensão dos papéis dos fatores políticos, econômicos, sociais e culturais envolvidos nesses processos. V. Despertar o interesse pelo estudo da História Antiga, possibilitando, na leitura e análise dos textos, a compreensão das especificidades de cada civilização. VI. Propiciar uma síntese histórica da Antiguidade e suas contribuições estruturais para a formação de nossa Civilização.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Pretende-se Apresentar um panorama Histórico em tono da famosa GUERRA DE TRÓIA (séc. XIV a.C), tentando evidencias os aspectos históricos, mitológicos e arqueológicos que estão envolvidos nesse estudo. Tentaremos evidenciar se a GUERRA DE TRÓIA existiu historicamente, sendo que ainda há debates recente entre arqueólogos que afirmam que HOMERO (autor de Ilíada e Odisséia) não teria existido ou, ao mesmo, inventado essas narrativas.

METODOLOGIA:

Para isso, pensamos iniciar a aula perguntando aos alunos:

***A guerra de Tróia realmente existiu? O que teria motivado essa guerra entre GREGOS E TROIANOS?Será que o rapto de HELENA por PARIS seria o evento desencadeador do conflito?**

Essas questões abertas provocariam a curiosidade dos alunos e estimularia reflexões e uma discussão introdutória. Acreditamos que os alunos do curso de HISTÓRIA trazem consigo um grande repertório informacional sobre esses eventos. Em seguida, apresentaria uma vídeo-aula sobre o assunto, criada por mim, em um canal no youtube, disponível em:<http://youtu.be/99LFeV5jITU>

Guerra de Troia - Ficção ou Realidade?

andrewunesp 17 vídeos Inscrever-se



Nessa vídeo-aula, os alunos seriam provocados a pensar nos fatores mitológicos, históricos e arqueológicos que, até hoje, são pesquisados e, de tempos em tempos, modificam-se e atualizam-se. Depois disso, os alunos seriam convidados a fazer uma leitura de um texto documental que narra as descobertas do arqueólogo alemão Heinrich Schliemann (apaixonado pelas obras de HOMERO) que, de certa forma, comprovam a existência de Tróia e do conflito.

O texto está disponível no site www.historiaemperspectiva.com criado por mim, para compartilhar textos, vídeo-aulas, resumos de livros, etc. Esse documento está no endereço eletrônico:

http://www.historiaemperspectiva.com/2011_07_01_archive.html

Depois da leitura os alunos seriam convidados para fazer uma redação com base no vídeo, no documento e nas leituras do livro: “O Mundo de Homero” do historiador helenista Pierre Vidal-Naquet, com o seguinte tema:

A GUERRA DE TRÓIA É UM EVENTO HISTÓRICO OU MITOLÓGICO?

A AVALIAÇÃO será pensada de acordo com a qualidade teórica expressa pelos alunos na redação, além da participação das discussões e leitura dos textos solicitados em aula.

BIBLIOGRAFIA:

FUNARI, Pedro Paulo A. Grécia e Roma. São Paulo: contexto, 2011

FINLEY, Moses Immanuel. Os gregos Antigos. Lisboa: Edições 70, 1969.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **O Mundo de Homero**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

Procusto e as cegueiras do Conhecimento: Considerações sobre formação de professores

Procusto, segundo a mitologia dos gregos antigos, era um malfeitor que morava numa floresta na região de Elêusis (península da Ática - Grécia). Ele tinha mandado fazer uma cama que tinha exatamente as medidas do seu próprio corpo, nem um milímetro a menos. Quando capturava uma pessoa na estrada, Procusto amarrava-a naquela cama. Se a pessoa fosse maior do que a cama, ele simplesmente cortava fora o que sobrava. Se fosse menor, ele a espichava e esticava até caber naquela medida.

A simbologia por trás desse mito representa a Intolerância diante do outro, do diferente, do desconhecido. Representa uma visão de mundo totalitária daquele sujeito que quer modelar todos os seres a sua própria imagem e semelhança. É a recusa da multiplicidade, da diversidade, da criatividade, da originalidade.

Procusto ou “as cegueiras do conhecimento” esteve presente, por exemplo, na consciência dos juízes de Sócrates, quando condenaram-no a morte por ter “corrompido” a juventude ateniense; esteve presente também no imaginário dos soldados romanos que perseguiram e matavam cristãos por seguir uma religião que se opunha ao paganismo e a figura sagrada do Imperador; continuou presente no Tribunal da “Santa” Inquisição que condenou à fogueira todos àqueles que eram contrários aos seus dogmas: Giordano Bruno, Galileu Galilei (foi poupado por ter negado suas teorias científicas) e até Joana D’arc; esteve presente também na consciência dos reis absolutistas; nas revoluções burguesas; no processo de escravidão mercantil; na formação dos partidos nazi-fascistas; no extermínio de milhões de judeus nos campos de concentração, de trabalho e também nas Guerras Mundiais... (só para citar alguns poucos exemplos...)

O espírito de Procusto, esteve presente em várias etapas de nossa História e ainda continua atormentando a Escola tanto quanto o processo educativo, em outras palavras, está presente na consciência humana produzindo “cegueiras”, erros e ilusões do conhecimento. Dessa forma:

Quanto sofrimento e desorientações foram causados por erros e ilusões ao longo da história humana, e de maneira aterradora, no século XX! Por isso, o problema cognitivo é de importância antropológica, política, social e histórica. Para que haja um progresso na base no século XXI, os homens e as mulheres não podem mais ser brinquedos inconscientes não só de suas idéias, mas das próprias

mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez. (MORIN, 2003, p. 33)

Mas como perceber os erros, ilusões e cegueiras em torno do conhecimento humano? Ou melhor, como reconhecer o fantasma de Procasto? O filósofo francês Edgar Morin em seu livro: “Os sete saberes necessários à Educação do futuro”, nos apresenta algumas explicações:

O conhecimento [...] é o fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro. Este conhecimento, ao mesmo tempo tradução e reconstrução, comporta a interpretação, o que introduz o risco do erro na subjetividade do conhecedor, de sua visão de mundo e de seus princípios de conhecimento[...] A projeção de nossos desejos ou de nossos medos e as perturbações mentais trazidas por nossas emoções multiplicam os riscos de erro. (MORIN, 2003, p. 20)

Portanto, o conhecimento é um processo e produto da consciência humana, na medida em que, colhe dados da realidade através de habilidades de pensamento (tradução/reconstrução); dados que são construídos pela percepção dos sentidos (tato, visão, audição, olfato e paladar); processados por nossa imaginação e linguagem; armazenados na memória e transmitidos pela oralidade. Através do processo de “tradução e reconstrução” corre-se o risco do erro, pois a Interpretação (decorrente do processo do pensar) depende da subjetividade do sujeito que conhece e de sua visão de mundo (conjunto de costumes, tradições, hábitos, crenças, etc.) que são assimilados socialmente.

Nesse argumento conceitual em torno dos erros, ilusões e cegueiras que são inerentes no processo do conhecimento humano, Morin expõe, pelo menos, duas idéias que merecem ser problematizadas: “A subjetividade do sujeito que conhece” e a “sua visão de mundo”.

Quando pensamos em “subjetividade do sujeito que conhece”, e nos remetemos a outras leituras de Morin, entendemos que o ser humano é ao mesmo tempo *sapiens*, no sentido de ser dotado da racionalidade, mas também é *demens*, isto é, capaz de condicionar seu pensamento e ação de acordo com sua afetividade, desejos, medos, perturbações mentais, por suas